

A SOLIDÃO E A CIDADE EM DONIZETE GALVÃO E FABIO WEINTRAUB

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI PERUGIA

Abstract – Since the twentieth century São Paulo has been a vital economic centre showing in its fast growth and industrialization the dynamism that makes it the true cultural capital of the country. Today, it is a tentacular megalopolis of more than 25 million inhabitants, advanced in many ways despite its apparent stratifications, walls and wounds. On the one hand, the modernist poets such as Mário de Andrade and Oswald de Andrade were able to understand, in the first decades of the twentieth century, the various overlapped and contradictory sides of the city of São Paulo as well as incorporating them into their texts; on the other hand, how do its poets reckon the city now? Which neighbourhoods, streets, squares and avenues have been going through a time of dispersion and disintegration in which rhythm has become frantic? What beings fill their poems? In order to answer such questions, I will focus on two poets who address the city of São Paulo in an intimate and visceral way, Donizete Galvão and Fabio Weintraub. The books involved in this investigation have been *O homem inacabado* (2010) and *Falso trajeto* (2016), respectively by Donizete Galvão (1955-2124) and Fabio Weintraub 1967).

Keyword: Donizete Galvão; Fabio Weintraub; Brazilian poetry; urban literature; performative poetry.

Escrever poesia no Brasil é viver em claustrofobia. O poeta respira um ar rarefeito. Tudo se fecha a sua volta: ele está em pânico. Habita uma espécie de limbo, zona fantasma, onde nada do que produz encontra eco ou ressonância.

(D. Galvão, “O silêncio da pedra”, 1996, p. 57)

1.

Assistimos, a partir do século XIX, a um generalizado fenômeno de urbanização, que transformou drasticamente a dinâmica das relações sociais, econômicas e políticas. No caso do Brasil, essa mudança foi ainda mais profunda e radical, pois as cidades cresceram num período muito curto. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o processo

de urbanização se intensificou a partir de 1960 e a “parcela de população urbana passou de 31,2% em 1940 para 67,6% em 1980”.¹ Essa tendência continuou e no ano 2000 temos 81% da população brasileira vivendo nas cidades.

A literatura brasileira “acompanhou a migração para os grandes centros, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização” (Dalcastagnè 2013, p. 34). Em consequência, “o espaço da narrativa brasileira atual é essencialmente urbano ou, melhor, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos” (Dalcastagnè 2013, p. 34).

São Paulo é, entre as metrópoles brasileiras, o centro econômico mais vital e cosmopolita, tornando-se também uma das principais capitais culturais por concentrar algumas das maiores editoras, universidades, centros de pesquisa, feiras de livros, jornais e revistas literários. Hoje é uma megalópole tentacular de mais de 25 milhões de habitantes, eficiente e avançada em muitos setores, estratificada, murada e ferida em outros.

Poetas e ficcionistas da vanguarda modernista colheram nas primeiras décadas do século XX os vários rostos sobrepostos e contrapostos de São Paulo e os incorporaram em seus textos. Oswald de Andrade (1890-1954), no livro *Pau-Brasil*, de 1925, focaliza a urbe em transformação, onde o arcaico resiste e o processo de industrialização avança inexorável.

Também Mário de Andrade (1893-1945) capta, em muitos poemas, esses mesmos elementos, mas nele, com o passar do tempo, o arrebatamento lírico e a ironia se transformam e serão substituídos por um sentimento mais profundo, complexo e ambivalente. No intenso e longo poema “A meditação sobre o Tietê”, publicado em 1945, o eu lírico nos mostra uma cidade que parece ter perdido a alma:

[...] lares, palácios e ruas,
Ruas, ruas [...]
em trabalhos e fábricas,
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.
E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.
(Andrade 1976, p. 358)

Essa não é mais a amada “São Paulo! Comoção de minha vida...”, do poema “Inspiração” (Andrade 1976, p. 39), de 1922; também não é mais a “Paulicéia

¹ Dados do IBGE, publicados no site <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/29092003estatisticasecxhtml.shtm> (consultado em 06/05/2019).

desvairada”, colorida e desordenada, onde imigrantes oriundos de todas as partes dão ao aglomerado urbano o semblante de cidade multi-cultural e multilíngue. Afirma Mário no livro *Remate de males*, de 1930: “Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta” (Andrade 1976, p. 189) e, nesses versos, lemos sintonia e desejo de incorporar todos os ritmos e almas de São Paulo. Por isso, “A meditação sobre o Tietê”, de apenas quinze anos depois, que tão profundamente se contrapõe a esse projeto inicial – agregante e unificador – revela todo o desencanto do poeta em relação a seus contemporâneos e nos soa, como de fato foi, uma espécie de réquiem desolado:

Porque os homens não me escutam! Por que os governadores
 Não me escutam? Por que não me escutam
 Os plutocratas e todos os que são chefes e são fezes?
 Todos os donos da vida?
 Eu lhes daria o impossível e lhes daria o segredo,
 Eu lhes dava tudo aquilo que fica pra cá do grito
 Metálico dos números e tudo
 O que está além da insinuação cruenta da posse.

(Andrade 1976, p. 66)

São Paulo continuará a ser revisitada pelos escritores, sobretudo de narrativa (e o elenco de autores que ambientaram tramas e personagens na cidade é realmente longo). Segundo Regina Dalcastagnè, o universo citadino de grande parte dessas obras “é composto de ruas arborizadas, salas de cinema e de teatro, cafés e restaurantes de qualidade.” Em outras palavras, as esferas pública e privada que prevalecem na ficção correspondem às da classe média, onde se enquadram também boa parte dos narradores e personagens. (Dalcastagnè 2012, p. 113)

2.

A questão que colocamos agora é se o mesmo ocorre com a poesia. A cidade e, mais especificamente São Paulo, continua a ser tematizada pelos autores? E que tipo de relação estabelecem com a *polis* os poetas contemporâneos? Como a vivem, que seres povoam seus versos, que bairros percorrem nesse tempo de dispersão e desagregação? É possível, ainda hoje, errar como um *flâneur*, fascinado pelo movimento e pelo efêmero de uma geografia mutante ou a urbe exige uma imersão, uma adesão e um comprometimento maiores?

Para responder a tais questões, escolhi dois poetas em que a cidade de São Paulo é vivida e interiorizada de forma íntima e visceral, Donizete Galvão e Fabio Weintraub. Ambos figuram entre os nomes mais representativos da poesia brasileira contemporânea. Os livros abordados para

tal indagação são *O homem inacabado* (2010) e *Falso trajeto* (2016), respectivamente de Donizete Galvão (1955-2124) e Fabio Weintraub (1967).

Os dois poetas dialogam com os autores da Semana de Arte Moderna vistos acima, mas isso não é novidade. Ocorre dizer que em geral todos os autores brasileiros posteriores irão se relacionar com os modernistas, já que a importância desse movimento não permite que seja ignorado. Claramente, muda o tipo de ligação que vão instaurar com ele as várias correntes estético-literárias que se alternam no tempo. Tal relação pode oscilar entre uma adesão mais acentuada e um rejeito quase que total, como é o caso, por exemplo, da Geração de 1945, para a qual o tipo de poesia minimalista e irônica – o chamado “poema-piada” oswaldiano –, estava definitivamente superado. A vanguarda concretista de meados da década de cinquenta, por outro lado, se vincula à lição modernista, sobretudo pelo aspecto cosmopolita e sincrético dos dois movimentos e o próprio Oswald de Andrade será reabilitado depois de anos de ostracismo.

Hoje os autores contemporâneos se debruçam sobre essa cidade despidos de qualquer utopia, bem conscientes de que, com o tempo, acentuaram-se as contradições da capital paulista. Em lugar de uma comunidade mais ou menos solidária, o que vemos são paredes espessas, portas e janelas trancadas como fortins onde as pessoas se isolam e, mais do que se protegerem, parecem murar-se vivas, como lemos no poema “Dupla realidade” de Donizete Galvão: “Numa segunda-feira de abril, [...] / você desiste de caminhar nas ruas / e busca refúgio no quarto” (Galvão 2010, pp. 46-47)

Donizete Galvão e Fabio Weintraub focalizam, ambos, por diferentes vieses, momentos, acontecimentos, personagens e cenários da capital paulista. Os dois autores têm muito em comum, foram amigos, participaram de encontros, lançamentos, feiras e festivais de poesia, até que a morte repentina e precoce nos privasse, em 30 de janeiro de 2014, aos 58 anos, da convivência com o poeta de Borda da Mata.

Galvão publicou o primeiro livro nos anos oitenta, considerada a década perdida, pois o país viveu a derrocada da ditadura e um longo período de recessão, em que muitos brasileiros, pela primeira vez na história desse país, tiveram que deixar suas casas e regiões em busca de trabalho em outros países e continentes. O autor é também um desses migrantes, embora tenha optado por ficar no Brasil, deslocando-se da sua região de Minas Gerais para São Paulo.

Donizete Galvão é, de fato, mineiro de Borda da Mata. Aos vinte e três anos muda-se para São Paulo, onde trabalhará por muitos anos como jornalista. Nessa cidade, publicou os livros *Navalha Azul* (1988), *As faces do rio* (1990), *Do silêncio da pedra* (1996), *A carne e o tempo* (1997), *Ruminações* (1999), *Pelo corpo*, em parceria com Ronaldo Polito (2002),

Mundo mudo (2003) e *O homem inacabado* (2010), *O sapo apaixonado* (2007) e *Mania de bicho* (2009). Em 2014, saíram póstumos os livros *Escoiceados* (2014), com ilustrações de Carlos Clémen, e o volume antológico *Ofícios do tempo* (2014). Em novembro de 2018 foi lançado o livro inédito *O antipássaro*, pela Editora Martelo, num evento dedicado à obra do poeta em sua cidade natal.

Fabio Weintraub, por outro lado, nasceu em São Paulo, é psicólogo e doutor em Letras pela USP. É autor dos livros *Sistema de erros* (1996), *Novo endereço* (2002), *Baque* (2007) e *Treme ainda* (2015). Recebeu vários prêmios, entre os quais o Cidade Juiz de Fora, em 2001, e o Casa de las Américas, em 2003. Foi traduzido e publicado em outros países, como Espanha, México, Estados Unidos, Cuba, além de Portugal.

Como foi dito, os dois autores tiveram longa e amigável convivência e, embora haja diferenças relevantes em suas respectivas poéticas, há também diversos elementos que os aproximam. Ambos se deslocam pelos espaços públicos de São Paulo, ambos captam momentos e figuras que constituem o intricado universo dessa metrópole, ambos observam com olhar estranhado, como se de fato não fossem, também eles, parte dessa comunidade, o movimento frenético e convulso das calçadas e avenidas, viadutos, casas, conjuntos condominiais e centros comerciais. O estranhamento, evidente em seus textos, não os separa ou isola de tal cenário, ao contrário, é um distanciamento por vezes imposto, mas necessário, que os ajuda a colher as dissonâncias, discrepâncias, fraturas gritantes e outras menos visíveis, perceptíveis aos que aguçam com sensibilidade o olhar.

Para melhor adentrarmos-nos na obra dos dois poetas, utilizaremos o texto de Paul Zumthor, *Performance, recepção, leitura* (Zumthor 1990), onde o autor afirma que poesia é a “tentativa de arrancar os discursos à fragilidade de sua condição temporal” e isso vale não apenas para a oralidade, mas também para a escrita. Para Zumthor, de fato, “na aventura humana a escrita surgiu como revolta contra o tempo; e, passados milênios, ela conserva ainda esse primeiro elã.” (Zumthor 2018, p. 46). Tal visão e interpretação de poesia ajuda a perceber porque a obra dos dois autores, embora diferentes por tantos aspectos, tenham a mesma urgência e surtam efeitos similares no leitor. Imersos no próprio tempo, a poesia é vista como possibilidade de indagação da nossa fragilidade, de atenção ao real e de identificação ou desidentificação com ele, sobretudo, no caso dos poetas aqui analisados, de adesão aos segmentos marginalizados desse mesmo real.

Podemos dizer que, nesse sentido, os poemas de Donizete e Fabio são performativos, pois, em ambos, temos um sujeito lírico que adere à cidade, aos seus espaços e habitantes, congregando-os no discurso. Tal ciclo se conclui quando o leitor é, também ele, incorporado ao texto, no momento da leitura.

Esclareçamos o significado de texto performativo. Para Zumthor:

[...] *performance* designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira *imediata*. [...] Ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor clareza. Ela as faz “passar ao ato”, fora de toda consideração pelo tempo. (Zumthor 2018, p. 47)

Segundo tal ótica, performativo é o texto que, por suas características inerentes, envolve, estimula, provoca de alguma forma o leitor, solicitando-o a reconstruí-lo “como o meu lugar de um dia” (Zumthor 2018, pp. 50-51) Ele insta à participação os sujeitos envolvidos no ato de comunicação, favorecendo concreta e materialmente o processo de alteridade. Tal elemento caracteriza as poéticas de Donizete Galvão e Fabio Weiuntraub.

Em ambos, a cidade de São Paulo de fato se desdobra fisicamente diante de nós. Mais do que a pujante capital econômica do país, no entanto, o que eles focam é o avesso de um projeto de cidade e de nação, a falência de uma democracia inclusiva, pois vemos segregação, fronteiras intransponíveis, degradação da natureza e das relações humanas. Não há árvores, não há parques, não há praças e locais de socialização, os vizinhos quase nem se reconhecem. No poema “Dupla realidade”, Donizete Galvão afirma:

para que a visão crua
 não o fira
 mais do que já foi ferido
 vaga por calçadas
 e busca nos muros motivos
 para essa errância
 que não encontra repouso
 [...]
 uma fuligem pertinaz
 o mantém preso nessa cidade
 (Galvão 2010, pp. 46-47)

3.

O homem inacabado, último livro publicado em vida pelo poeta de Borda da Mata, se configura como uma espécie de síntese de toda sua obra poética, trazendo-nos – como nos livros anteriores – personagens do cenário urbano que ocupam suas bordas ou becos, figuras descartadas do sistema e da economia de mercado. Varando a cidade de lado a lado, o sujeito lírico nos traça de fato, como diz o título, um quadro dolente de vidas “inacabadas” (entre as quais o poeta se auto-inclui). Ao declinar as várias acepções do

termo “inacabado”, adjetivo que acompanha, no título, o substantivo “homem”, ele o redefine. Ligado à esfera do imperfeito e do provisório, o “inacabado” aqui indica também uma nova condição do ser humano, relegado às margens precárias e instáveis da sociedade. O “homem inacabado” é o que já nasce torto, porque fora de lugar, fora de moda, fora dos modelos e esquemas, com a data de vencimento impressa no corpo: “Os corpos já nascem / em débito” (Galvão 2010, p. 48).

Em relação a esses seres, que são milhões e que vivem em condições difíceis, a cidade é sempre hostil, invasiva, pervasiva e desintegradora: “A cidade surge sob fumaças / e o insone reconta detritos.” (Galvão 2010, p. 32) Por ser um espaço fragmentado, o eu lírico está sempre buscando recompor alguma identidade, alguma harmonia em si e nas pessoas que encontra, usando como instrumento de perquirição a palavra: “A palavra perdida / na caçamba de entulhos / entre cacos de azulejos / e restos de reboco” (Galvão 2010, p. 32).

A tal propósito, sublinhe-se que a língua usada é coloquial e cotidiana, onde também a “palavra perdida”, desprezada por pertencer a um registro desprestigiado, se torna material de poesia. Seguindo a lição de Manuel Bandeira, Donizete em nenhum momento é retórico, solene, abstrato ou áulico.

A metrópole, nesse recorte realista e muitas vezes hiper-realista, torna-se “um cenário onde estão espelhados a ruína do homem, o fracasso dos projetos humanistas e o malogro da ciência fadada a artificializar a vida, numa situação de caos a desvelar um completo desajuste entre o homem e a natureza” (Bonafim Felizardo 2016, p. 162).

A partir dos escombros dessa geografia inóspita e mutilada, o sujeito lírico busca individuar, numa cartografia de não-lugares, figuras humanas solitárias na multidão, algumas já mortalmente feridas:

Se toda morte é descida,
a morte mais dolorida
é aquela com o corpo
varado de balas
debruçado
sobre o carrinho de construção
que desce as valas da favela.
(Galvão 2010, p. 49)

Torna-se necessário então, como estratégia de defesa e sobrevivência, “inventariar bens” (Galvão 2010, p. 32), conservados nos espaços domésticos, objetos que o poeta salva da desvalorização, “bens” que o amparam, porque impregnados de memória e história, embora arcaicos e sem valor comercial, usados e rasurados pela vida: “Tens aqui / o oratório, os

sacrários / de minúsculas pedras / escolhidas no leito do rio” (Galvão 2010, p. 28)

Em seu quarto, em seu casulo, ele sabe que pertence à tribo dos que habitam a noite (Galvão 2010, p. 31), os insones, os que nunca dormem porque alguém tem que estar de vigília e, desde sempre, esse foi o papel dos poetas. Se parece ilhado em suas paredes, nunca está, no entanto, apartado dos que estão ao redor. Não há distância entre o Eu e o Outro, entre o sujeito e o objeto do discurso, ambos performaticamente se fundem. Essa fusão gera, no poema “Revido Reverdy” (Galvão 2010, p. 18), a sensação de que, do interior do seu quarto em São Paulo, o sujeito lírico percebe o momento exato em que um homem morre, a quilômetros de distância. O mundo entra nesse casulo porque convocado pelo poeta, que realiza viagens verticais pela “ferida aberta” (Galvão 2010, p. 21), título de um dos poemas e metáfora da condição de fragilidade que nos caracteriza.

À invisibilidade horizontal à qual são relegados os habitantes da cidade, o sujeito lírico contrapõe o espaço interior, onde busca, como vimos, proteção. Imagens reiteradas dessa condição são: “casa”, “quarto”, “casca” (Galvão 2010, pp. 60-61), “casulo” (Galvão 2010, p. 22), “caracóis” (Galvão 2010, p. 31), “couraça” (Galvão 2010, p. 48), “grades” (Galvão 2010, p. 36), “paredes” (Galvão 2010, p. 35). Paralelas e complementares a essas metáforas, temos a recorrência de lemas aparentemente antitéticos, como “poço”, “cisterna” (Galvão 2010, p. 23), “fendas”, “brenhas”, “frestas”, “arestas” (Galvão 2010, p. 23), indicando que o andarilho agora habita a cidade de outra forma, descendo por suas vértebras e vísceras.

Por ser atento e lúcido, ele capta, mesmo na escuridão do quarto, imagens, ruídos e movimentos descompostos e convulsos, de outros tantos milhões de quartos solitários como o seu, onde, prestes a despencar da vida, estão pessoas que desistiram da luta:

O quarto está deserto.
 Uma das janelas está aberta.
 O vento suga a cortina para fora da casa.
 Alguém está por um fio.
 Alguém aposta sua última ficha.
 Um corpo cairá no negrume da noite.
 (Galvão 2010, p. 26)

À desagregação e dispersão geradas pela anônima megalópole, a poesia e a arte se erguem, impondo outro ritmo às palavras, muito mais articulado e lento, e acenando – pela possibilidade de resistência – a uma possível recomposição interior:

Atravessar as coisas
 para melhor absorver-lhes

a duração e o gosto.
Aprender a paciência
de um artesanato.
Sair do outro lado
com a densidade:
o corpo mais sólido
diante da correnteza
desses dias.

(Galvão 2010, p. 42)

Se Donizete, mesmo tendo vivido anos em São Paulo, nunca deixou de ser o mineiro, o interiorano, o desajeitado do poema “Escoiceados”: “Levamos / bons coices. / Meu pai e eu. / Os dois / nunca subimos / na vida.” (Galvão 1999, p. 15), é tal desajeito que o faz captar com maior intensidade o sentimento dos que ali, como ele, nunca se sentiram realmente integrados. Ele está dentro e fora e, nesse oscilar, solicita o leitor, que não sai imune da leitura desses versos. O leitor é presença e testemunha, não pode eximir-se como não o faz o eu lírico.

4.

Se por alguns aspectos Donizete é um *outsider*, Fabio Weintraub nasceu na capital paulista, viveu sempre ali e a conhece nos meandros. Nem por isso deixa de ser nela um transeunte estrangeiro, já que se coloca na condição de ruptura com o contemporâneo. É a ironia, por vezes o sarcasmo, que o liberta de uma aderência acrílica a esse real. Poeta andarilho, os personagens que povoam seus poemas, como afirma Priscila Figueiredo, “são *calcante pede*; por isso manquejam da perna, têm unhas encravadas, calos, calçados apertados e gastos, usam órteses [...]. Os pés estão moídos e têm de continuar seu percurso na cidade monstruosa.” (Figueiredo 2004, p. 16)

Para os dois poetas a cidade é tentacular, além de indiferente e insensível à sorte de seus habitantes. Cabe então ao eu lírico um “falso trajeto”, como indica o título do livro de Fabio, um percurso inóspito pelo avesso desse cenário urbano. Sua poesia se propõe a realizar o inventário da tragédia social brasileira, onde o eu lírico anota escrupulosamente, como o médico ao fazer a autópsia de um corpo, todos os males que acometem esse organismo social.

O recorte expressionista, gerado pela representação hiper-realista do universo urbano degradado, tanto em Donizete quanto em Fabio, gera

imagens surreais e kafkianas: “Tudo é absurdo, tudo é sinistro em um lugar onde homem tem o valor de um animal [...]” (Bonafim Felizardo p. 163)²

Muitas das figuras que perambulam pelos espaços tanto públicos quanto privados foram, são ou estão doentes. São recorrentes termos ligados à esfera da medicina e da anatomia em geral: “remédio” (Weintraub 2016, p. 26), “obstetra” (Weintraub 2016, p. 11), “aleijão” (Weintraub 2016, p. 15), “esparadrapo” (Weintraub 2016, p. 16), “tala”, “colar cervical” (Weintraub 2016, p. 18), “curativo” (Weintraub 2016, p. 23), “ferida” (Weintraub 2016, p. 24), “operação” (Weintraub 2016, p. 25), “monitor de manutenção” (Weintraub 2016, p. 27), “cânula” (Weintraub 2016, p. 27), “seringa” (Weintraub 2016, p. 27), “enfermeiro” (Weintraub 2016, p. 27), “paciente” (Weintraub 2016, p. 32), “andador” (Weintraub 2016, p. 33), “bico de papagaio” (Weintraub 2016, p. 33), “hospitais” (Weintraub 2016, p. 38), “próteses” (Weintraub 2016, p. 36), “asilo” (Weintraub 2016, p. 36), “espasmo” (Weintraub 2016, p. 42), “cirrose” (Weintraub 2016, p. 58), “fratura” (Weintraub 2016, p. 43), “anatomia” (Weintraub 2016, p. 49), “pulso fraco” (Weintraub 2016, p. 42), etc. Recorrem também referências a remédios, como “rivotril e headphones” (Weintraub 2016, p. 19), usados para a cura de algum mal que nunca se sabe exatamente onde está localizado, pois mais parece radicado nas entranhas dos indivíduos.

Por vezes, nesse realismo cru, o levantamento quase obsessivo das enfermidades físicas resvala o grotesco, mas o leitor atento percebe que, ao olhar aparentemente despojado do poeta, se contrapõe um outro tipo de relação, muito mais profunda e empática. Nesse sentido, uma das estratégias utilizadas é a de incorporar, na voz do eu lírico, outras vozes que se fundem com a sua. Por vezes essas vozes desapropriam o elóquio do poeta e irrompem nos versos. Não há intermediários nesse caso e os personagens masculinos ou femininos expõem-se em forma de monólogo ou de diálogo truncado:

tenho uma bicicleta e dois vestidos

a cada cinco domingos
ganho um dia livre
saio para dançar
[...]

às vez pego filho
me dou mal fico má

² O hiper-realismo é característica atribuída por Alexandre Bonafim à poesia de Donizete Galvão, mas podemos estendê-la à poética de Fabio Weintraub, pois é elemento comum nos dois autores.

caio no mundo

casei separei
casei de novo
não deu certo.

(Weintraub 2016, p. 20)

Em tais poemas (e são vários nesse e em outros livros), os personagens se instalam na página e nos interpelam diretamente. A poesia se faz então linguagem de com-participação e com-paixão, contraposta à impassibilidade com a qual a cidade ignora os corpos que vagam como sombras invisíveis, prestes a serem silenciadas.

Afirma Susanna Busato que os poemas de Weintraub são

[...] anotações miméticas do cotidiano dos sujeitos em situação limite, em que seus corpos se oferecem ao olhar nas cicatrizes visíveis das descrições, que o sujeito lírico registra no seu exercício de olhar o outro, e também nas cicatrizes invisíveis, suspensas como sensação e reflexão nas cenas cortadas pelo diálogo apanhado de passagem. (Busato 2015, pp. 86-87)

Em alguns poemas, a distância social que separa os habitantes é marcada no texto também do ponto de vista formal e estrutural, como vemos, por exemplo, no poema “cabeça”. Tal texto elucida muito bem dois tipos de perspectivas e, conseqüentemente, de discursos, paralelos e contrapostos, explicitando nessa divisão a dinâmica das relações entre indivíduos e classes. Na página, eles se distinguem visivelmente pela espacialização das estrofes e pelo uso do itálico, no caso do diagnóstico da enfermidade de um doente:

no hospital ficou só 24 horas
dez dias com a cabeça inchada
sem tirar os pontos

*a estereotaxia consiste
em prender com parafusos
um aro metálico
ao crânio do paciente
a fim de perfurá-lo
com uma broca de 2 mm.*

(Weintraub 2016, p. 70)

O tipo de registro entre os dois discursos também é radicalmente diverso, pois estão dispostos em estrofes que se alternam, formando dois textos paralelos, que nunca se fundem. Note-se que ambos são descritivos, mas num deles temos, por meio de uma linguagem competente e fria (a mesma usada nos laudos e boletins médicos), a narração minuciosa dos procedimentos técnicos seguidos na cura do paciente. O outro discurso, complementar e ao

mesmo tempo antagônico, resvala o corpo exposto do doente e se adentra por sua fragilidade, trazendo-o até nós. Não há, então, como permanecer indiferentes à trágica e lenta morte em vida de um ser humano:

quase não come
 aceita água
 depois voltou a ter
 os tais acessos
 quebrou a porta do quarto
 [...]
 a família o mantém amarrado
 preso por cordas
 a um gancho na parede
 [...]
 fica nu
 a maior parte do tempo
 para não rasgar a roupa
 e engolir as tiras.

(Weintraub 2016, p. 70)

Em linguagem clara e concisa, lemos a crueldade de um sistema social que abandona doentes e velhos a si mesmos, assim como a displicência desumanizadora com a qual se admite um paciente grave, que nem chega a ser internado no hospital e já recebe alta depois de apenas 24 horas. O tipo de procedimento cirúrgico, pedantemente descrito, não visa à cura, mas à contenção da agressividade do doente: "queimam-se áreas / muito menores / que as outras lesadas / na lobotomia" (Weintraub 2016, p. 70). O resultado é a redução de um ser humano à condição animal, de alguém que passa os dias "preso por cordas / a um gancho na parede" (Weintraub 2016, p. 70). E isso em uma cidade que tem um sistema de atendimento hospitalar entre os mais avançados do mundo, restrito, porém, à população abastada.

Não há fuga possível desse cenário, que também é claustrofóbico, não importando se esses personagens vaguem por ruas e avenidas ou se estejam confinados nos espaços fechados. É claustrofóbica a desigualdade, a solidão, o desespero que podemos colher nos pequenos detalhes, como o da muleta batida com um pouco mais de energia no chão: "qual britadeira / bate a bengala / contra o chão / como se quisesse / vingar-se da infirmez" (Weintraub 2016, p. 39).

No poema "pessoas jurídicas não odeiam", temos o contra-discurso cínico com a qual muitos se autojustificam e se auto-absolvem:

contraditório, e daí?
 as pessoas mudam
 os tempos mudam
 [...]
 tenho cinquenta anos

não vou pousar de herói
 quero que se foda
 a coerência do criador
 é a obra que importa

não vou pousar de mártir

o Brasil está desse jeito
 [...]

 vamos ser ricos, não coitados

(Weintraub 2016, p. 46)

Diante de tal cenário, não há fuga ou escapatórias em paraísos naturais ou artificiais, não nos iludamos e não se ilude o poeta, como se lê em “gerenciamento antiestresse”:

imagine um córrego
 há pássaros cantando
 e o vento fresco da montanha
 no céu de um azul limpíssimo

aqui nada pode aborrecê-lo
 ninguém alcança esse lugar secreto
 [...]

a água é transparência absoluta

agora, sim, pode-se ver o rosto
 daquele cuja cabeça
 você comprime sob a água

(Weintraub 2016, p. 14)

5.

Com Donizete Galvão e Fabio Weintraub a cidade de São Paulo se desdobra diante de nós, por paradoxos chocantes, por justaposições bruscas de realidades distintas, por territórios que não se encontram, por ruas que nunca levam a um destino comum, porque há tantas cidades dentro dela e tão distantes estão que nem chegam a formar uma comunidade.

Se *O homem inacabado* de Galvão é, como vimos, uma espécie de súpula decantada de mais de vinte anos de poesia, também o livro *Falso trajeto* de Fabio Weintraub é um compêndio de duas décadas, como afirma o autor, na nota inicial:

Duas décadas em cinquenta poemas, a maior parte recolhida dos quatro livros lançados neste período [...]. Se essa amostra representa de alguma forma meu

percurso como poeta ao longo dos anos, é também como um falso trajeto, não porque haja outro, verdadeiro e certo (a falsidade é congenial à poesia), mas porque o caminho que eu hoje eu reinvento, olhando para trás, estabelece um norte imantado pelas preocupações de agora e sujeito, como não poderia deixar de ser, a desvios, extravios e perfurações – acidentes pelos quais, felizmente, ninguém mais senão eu poderia ser processado. (Weintraub 2016, “Nota do autor”, p. 7)

O resultado, nos dois casos, é uma lírica compacta e unitária, que, ao traçar uma linha transversal por vários momentos e livros, nos permite colher elementos constituintes de ambas as poéticas. Nem por isso são monocórdicas. Em comum, ambas lançam um olhar perscrutador e oblíquo sobre a realidade, trazendo-nos esses seres precários e avulsos num “país sem ruas” (Weintraub 2016, p. 38), circundado por periferias esquecidas, como se não fossem partes extensas e consistentes da cidade. Nisso, se enquadram plenamente na categoria de textos performáticos, pois convergem para uma autêntica experiência física do espaço urbano, que é também uma experiência estética, pois são textos de uma rara densidade poética.

São leituras do mundo, essas, que problematizam o próprio modo como escritores e leitores se colocam e se relacionam com o individual e com social, investindo a arte, neste caso a poesia, de uma função ética e humanizadora, na medida em que solicita uma reação por parte de todos. Vendo e vivendo o momento atual, essa poesia é ainda mais necessária, pois reafirma o direito à vida de qualquer ser humano, nesse país sempre tão desigual, o direito à existência digna também dos que não tiveram a sorte de nascer nos bairros nobres e nas mansões dos Jardins ou da Zona Sul de São Paulo.

Nota biográfica: Vera Lúcia de Oliveira é professora associada de Literatura portuguesa e brasileira na Università degli Studi di Perugia. Tem diversos livros de poesia e ensaios publicados em vários países, também em revistas e antologias poéticas. Entre os ensaios, citamos: *Poesia, mito e história no modernismo brasileiro*, São Paulo, Editora UNESP, 2015, 2.ed. revista e ampliada; *Storie nella storia: Le parabole di Guimarães Rosa*, Lecce, Pensa Multimedia, 2006. Traduziu e organizou antologias poéticas de Lêdo Ivo, Carlos Nejar e Nuno Júdice. Entre os livros de poesia, citamos: *Entre as junturas dos ossos*, Brasília, Ministério da Educação, 2006; *A poesia é um estado de transe*, Portal Editora, São Paulo, 2010; *La carne quando è sola*, SEF, Firenze, 2013; *Vida de boneca* (poesia infantil), Edições S.M., São Paulo, 2013; *O músculo amargo do mundo*, São Paulo, Escrituras, 2014; *Minha língua roça o mundo*, São Paulo, Editora Patuá, 2018. site: <http://www.veraluciadeoliveira.it>

Endereço do autor: vera.deoliveira@unipg.it

Referências bibliográficas

- Augé M. 1992, *Non-lieux*, Editions du Seuil; trad. it. di Rolland D. 2009, *Nonluoghi*, Elèuthera, Milano.
- Andrade M. de 1974, *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed., Martins, São Paulo.
- Andrade M. de 1976, *Poesias Completas*, 1976, Círculo do Livro, São Paulo.
- Andrade O. de 1974, *Obras Completas VII. Poesias Reunidas*. 4. ed., Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- Bauman Z. 2004, *Wasted lives. Modernity and its Outcasts*, Polity Press, Cambridge, Blackwell Publishing Ltd, Oxford; trad. it. di Astrologo M. 2011, *Vite di scarto*, Editori Laterza, Bari.
- Benjamin W. 1955, *Scriften*, da Suhrkamp Verlag, 1955 e *Das Argument*, n° 46, da Argument Verlag, 1967; trad. para o português de Mendes da Silva H. K., Brito, A. de e Jatobá T., 2000, *A modernidade e os modernos*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 2.ed.
- Bonafim Felizardo A. 2016, *O espaço da metrópole na poesia de Donizete Galvão*, in “Revista Estação Literária”, volume 15, jan. 2016, Londrina.
- Busato S. 2015, *O espaço urbano como construção poética do sujeito*, in “Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea”, Universidade de Brasília, n. 45, jan./jun. 2015, Brasília, pp. 85-101.
- Dalcastagnè R. 2012, *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, Editora Horizonte / Editora da Uerj, Vinhedo / Rio de Janeiro.
- Dalcastagnè R. 2013, *Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea*, in “Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea”, n. 21, janeiro/junho de 2013, Brasília, pp. 33-53.
- Figueiredo, P. 2004, *Apresentação*, in Weintraub F., *Nueva dirección = Novo endereço: poemas*, traducción para el español L. A. Rodriguez, Nankin Editorial / Funalfa Edições / Casa de las Américas, São Paulo / Juiz de Fora / Havana, pp. 15-18.
- Galvão D. 1990, *As faces do rio*, Água Viva Edições, São Paulo.
- Galvão D. 1996, *Do silêncio da pedra*, Arte Pau-Brasil, São Paulo.
- Galvão D. 1997, *A carne e o tempo*, Nankin Editorial, São Paulo.
- Galvão D. 1998, *Navalha Azul*, Edições Excelsior, São Paulo.
- Galvão D. 1999, *Ruminações*, Nankin Editorial, São Paulo.
- Galvão D. 2002, *Pelo corpo*, em parceria com Ronaldo Polito, Alpharrabio, Santo André.
- Galvão D. 2003, *Mundo mudo*, Nankin Editorial, São Paulo.
- Galvão D. 2007, *O sapo apaixonado: uma história inspirada em uma narrativa indígena*, com ilustrações de Mariana Massarani, Musa Editora, São Paulo.
- Galvão D. 2009, *Mania de bicho*, com ilustrações de Fernando Vilela, Positivo, Curitiba.
- Galvão D. 2010, *O homem inacabado*, Portal Editora, São Paulo.
- Galvão D. 2014, *Ofícios do tempo*, organização de Lindsey Rocha Lagni, Editora Positivo, Curitiba.
- Galvão D. 2014, *Escoiceados*, com ilustrações de Carlos Clémen, Casa de Virgínia, Itajubá.
- Oliveira V. L. de, 2015, *Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro*. 2. ed. revista e ampliada, Editora UNESP, São Paulo.
- Oliveira V. L. de 2018, *As Vidas Descartadas na poesia de Donizete Galvão*, in Graziani M. (a cura di), *Un incontro lusofono plurale di lingue, letterature, storie, culture*, Firenze University Press, Università degli Studi di Firenze, Firenze, pp. 241-250.

- Weintraub F. 2004, *Nueva dirección = Novo endereço: poemas*, traducción para el español L. A. Rodriguez, Nankin Editorial / Funalfa Edições / Casa de las Américas, São Paulo / Juiz de Fora / Havana.
- Weintraub F. 2007, *Baque*, Editora 34, São Paulo.
- Weintraub F. 2016, *Falso trajeto*, Editora Patuá, São Paulo.
- Weintraub F. 2015, *Treme ainda*, Editora 34, São Paulo.
- Zumthor P. 1990, *Performance, réception, lecture; Le Préambule*, Longueuil, Québec; trad. para o português de Pires Ferreira J e Fenerich S. 2018, *Performance, recepção, leitura*, trad. de J. e S, Ubu Editora, São Paulo.